

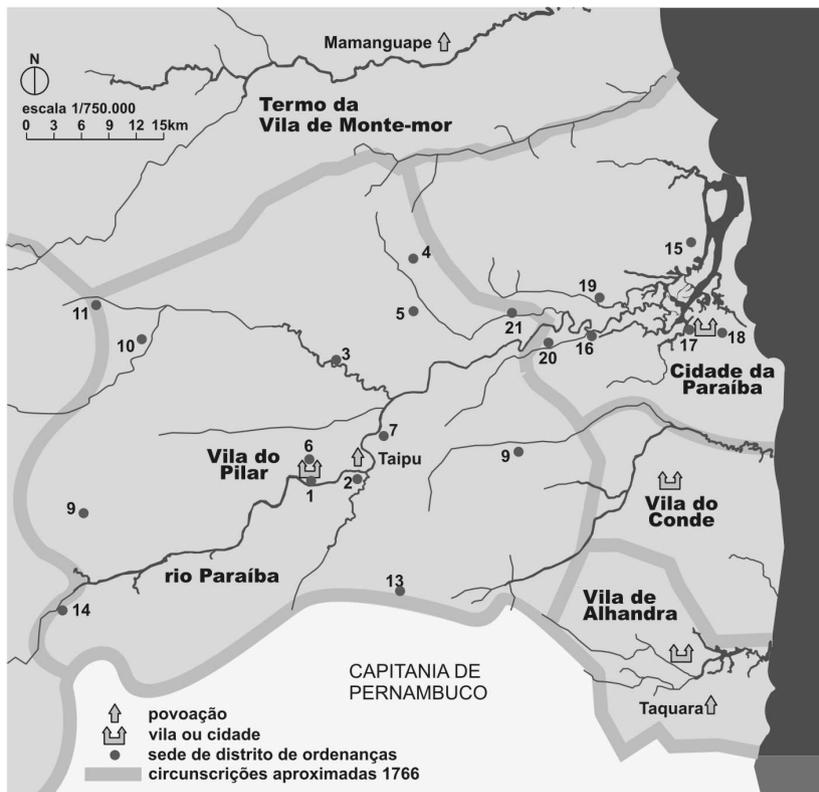
Desenhando textos – produção de fontes para a história da cidade e do território através da síntese gráfica

Juliano Carvalho

Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PPG-AU da UFBA

A produção de nova cartografia, a partir das informações manuscritas disponíveis, tem subsidiado uma abordagem espacial do caso em questão, ao gerar uma visualização que ficava apenas latente nas fontes primárias.

Utilizando a síntese gráfica [...] elaboraram-se mapas da área de estudo referentes à distribuição de sesmarias, à exploração das matas, à localização dos engenhos e às redes de comunicação. Com isto, foi possível observar e problematizar diversos aspectos da realidade produtiva e comercial da Capitania da Paraíba setecentista. Estas facetas se cruzam numa abordagem da formação territorial essencialmente empírica e concreta [...] como materialização das relações sociais vigentes em uma paisagem e em um conjunto de circunscrições de poder.



Vale do Rio Paraíba. Elaboração própria.

Os estudos no campo da Arquitetura e Urbanismo envolvem como variável primordial o espaço; porém, a pesquisa histórica, neste campo, esbarra freqüentemente com a falta de documentação espacial, tendo de lidar somente com fontes escritas – e suas conseqüentes limitações. De forma geral, quanto mais remoto é o passado de que se trata, e quanto mais periférica é a região abordada, maiores são as dificuldades desta natureza. É este o caso da Capitania da Paraíba na segunda metade do século XVIII: embora haja documentação oficial manuscrita numerosa, as fontes cartográficas são escassas e pouco elucidativas quanto à ocupação do território, exceto no que se refere à descrição da costa e seus acidentes.

A produção de nova cartografia a partir das informações manuscritas disponíveis tem subsidiado uma abordagem espacial do caso em questão, ao gerar uma visualização que ficava apenas latente nas fontes primárias. Utilizando a síntese gráfica, como definida por Costa (2005), elaboraram-se mapas da área de estudo referentes à distribuição de sesmarias, à exploração das matas, à localização dos engenhos e às redes de comunicação. Com isto, foi possível observar e problematizar diversos aspectos da realidade produtiva e comercial da Capitania da Paraíba setecentista. Estas facetas se cruzam numa abordagem da formação territorial essencialmente empírica e concreta, que, a partir de Moraes (2000), a trata como materialização das relações sociais vigentes em uma paisagem e em um conjunto de circunscrições de poder.

A figura apresentada exemplifica o método. Trata-se de um mapa da distribuição das sedes dos distritos militares de terceira linha (tropas de ordenanças) no baixo curso do rio Paraíba, correspondente à virada do século XVIII para o século XIX, elaborado a partir do cruzamento das listagens de distritos da época (MAPA... [post.1800]) e dos limites dos municípios (OFÍCIO..., 1766) com a cartografia contemporânea (BRASIL. Ministério do Exército, 1986). O interesse despertado por ele é que, sendo as tropas de terceira linha montadas a partir do arrolamento da população masculina como um todo, a partir delas infere-se a distribuição das pessoas no território, o que não seria possível utilizando somente as estatísticas da época, que trazem apenas os totais da população por vila.

A partir da análise da imagem produzida, observa-se que, no termo da Cidade da Paraíba, a população apresenta vinculação quase completa ao rio Paraíba, estando associada às atividades econômicas aí predominantes – a plantação da cana-de-açúcar em sua várzea e a pesca em seu estuário. Já no termo da vila do Pilar, a população é muito mais esparsa, distribuindo-se por todos os quadrantes – o que corresponde a uma produção diversificada que inclui, para além da cana, a pecuária, o algodão e a produção de subsistência.

Em estudo anterior, inserimos esta diferenciação numa perspectiva de mais longa duração, tentando entender suas origens, que remontam ao início da colonização portuguesa na área, no fim do século XVI (CARVALHO, 2007). As características diversas do quadro natural (pluviosidade, relevo, solo e vegetação) destas duas áreas refletem-se nas várias etapas da ocupação da região, e, a partir de meados do século XVIII, tornam-se mais visíveis ao determinarem também as circunscrições religiosas e políticas criadas – a freguesia do Taipu (1745) e a vila do Pilar (1753). Ao fim do século, com a reorganização dos distritos militares que resultou na documentação consultada para a elaboração do mapa, o mosaico de circunscrições torna-se ainda menor, e chega-se à explicitação final desta realidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Exército. Diretoria de Serviço Geográfico. **Região Nordeste do Brasil**. Brasília, 1986. 11 mapas, color. Escala: 1:100.000.

CARVALHO, Juliano Loureiro de. Natureza e poder na estruturação territorial do rio Paraíba do Norte. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo: Unisinos, 2007. Disponível em: <<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Juliano%20Loureiro%20de%20Carvalho.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2008.

COSTA, Francisco de Assis da. Síntese gráfica: funes, el memorioso, e o Colégio de Cartógrafos do Império. **Drops.**, n. 10, mar. 2005. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/drops/drops10_06.asp>. Acesso em: 27 mar. 2007.

MAPA geral das tropas [...] de Olinda, Recife, Igarapu, Goiana, Itamaracá, Sirinhaém, Porto Calvo, Alagoas, Penedo, Barra do Rio de São Francisco

do Sul, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, [post.1800]. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, cota AHU_ACL_CU_ 015, Cx. 222, D. 15070.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Bases da formação territorial do Brasil:** o território colonial brasileiro no “longo” século XVI. São Paulo: HUCITEC, 2000.

OFÍCIO dos oficiais da Câmara da cidade da Paraíba, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, 1766. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, cota AHU_ACL_CU_014, Cx. 23, D. 1800.